

O Papel da Religião na Construção da Identidade de Mulheres Evangélicas Estudantes da UFBA¹

Alice Alves de Carvalho (UFBA)²

Andressa Verena Luz França (UFBA)³

Juliana Maria Teixeira da Conceição (UFBA)⁴

Resumo: A construção da identidade perpassa diversas experiências da vida humana. Nesse sentido, a religião, como âmbito de vivência, transformação social, e emergência de novos sujeitos, pode ser entendida como um importante elemento no que tange a construção identitária muito em virtude da natureza das práticas, conhecimentos e discursos envolvidos. Tendo em vista que a identidade “feminina” é construída socialmente, fruto da vivência de um coletivo cuja conjuntura sócio-histórica remete a definição de papéis e, conseqüentemente, atores sociais e suas atribuições na sociedade, as religiões pentecostais apresentam-se como âmbito de conhecimento para analisar como “religião” e “gênero” podem se articular, ao mesmo tempo que servem como “guia” para a identidade desse grupo influenciando diretamente na subjetividade dessas mulheres. O tema a ser abordado na pesquisa visa dar agência às mulheres envolvidas, uma vez que procura escutar e entender, através de seus discursos, como ocorre esse processo de construção da identidade a partir de suas experiências. Assim, o presente trabalho buscou compreender, através da realização de entrevistas e grupos focais, a visão de estudantes evangélicas da Universidade Federal da Bahia (UFBA). A escolha metodológica fora de uma análise qualitativa através do uso de categorias da análise do discurso da linha inglesa levando em consideração a importância da experiência no social e sua capacidade reveladora nos meandros discursivos, uma vez que se busca observar a potencialidade dessas mulheres enquanto “sujeitos”, sobretudo, sociais e políticos, atuantes e passíveis, ao mesmo tempo, de influência exterior para suas subjetivações e, ademais, contou com a combinação do respaldo teórico tanto da linha sociológica quanto da antropológica. Nesse ínterim, foi desejoso mostrar como arcabouços conceituais tais como as noções de “gênero”, “subjetividade” e “religião”, por exemplo, são moldadas e moldam o comportamento desse coletivo, e não somente isso, como essas categorias se entrecruzam. Observou-se como resultado, depois do contato com as estudantes e através da análise e interpretação dos dados coletados, que a religião possui sim um caráter elementar e fundante na construção de suas identidades, perpassando as suas subjetividades, porém ela não é um fator exclusivo, o que levou a percepção de que a produção de determinadas subjetivações e corpos, no que toca ao gênero e religião necessita, ordinariamente, de outros contextos de atravessamento.

Palavras-chaves: Estudantes evangélicas; identidade, gênero.

Introdução

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (2024)

² Graduanda na modalidade licenciatura de Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)

³ Graduanda em licenciatura em Ciências Sociais (UFBA)

⁴ Graduada em licenciatura em Ciências Sociais (UFBA), Mestranda em Ciências Sociais (UFBA)

A construção da identidade humana e o sentido de suas ações são moldados por diversos paradigmas sociais, incluindo os parâmetros sancionados por várias instituições. De acordo com Berger (1986), Arnold Gehlen, sociólogo alemão, define a instituição como um órgão regulador que canaliza as ações humanas de maneira semelhante aos instintos que guiam o comportamento animal.

Nesse contexto, a religião, como uma dessas instituições com caráter coercitivo e edificante, busca padronizar a conduta humana e alinhar-se com as aspirações sociais específicas. A religião é responsável por definir papéis sociais, exemplificado pela “conversão” religiosa que pode transformar a cosmovisão do indivíduo, mudar sua identidade e alterar sua relação com a realidade e o mundo (Gomes, 2011, p. 158), particularmente, entre as mulheres evangélicas, esse vínculo religioso tem um impacto profundo na construção de suas identidades.

O processo de adesão a uma religião implica a adoção de seus símbolos morais e a incorporação das condutas sociais esperadas pelo grupo religioso. Para as mulheres, essa dinâmica é visível nas formas educativas impostas ao corpo feminino, influenciando seu comportamento, vestimenta e gestos, tanto dentro quanto fora do ambiente religioso (Rigoni; Prodócimo, 2021).

No cenário brasileiro, o crescimento do Pentecostalismo tem sido um fenômeno significativo, com um aumento notável de adeptos nas últimas décadas. Esse movimento religioso não só expande sua presença na esfera religiosa, mas também nas esferas econômica e política. Conforme Machado (2005)⁵ O pentecostalismo brasileiro é caracterizado por sua capacidade de selecionar, ressignificar e incorporar elementos de outras tradições confessionais e da cultura política dos movimentos sociais. Essa plasticidade e dinamismo são paradoxais ao tradicionalismo que marcou a história do movimento pentecostal.

⁵ Numa pesquisa do ano de 2023 aponta que entre 1990 e 2010, a proporção de evangélicos mais do que dobrou no país: de 9% da população, em 1990; para 22,2%, em 2010. Além disso, outra expressão da expansão protestante no país se refere ao número de templos. De 17.033 templos evangélicos, em 1990, o Brasil passou a contar com 109.560, em 2019. Um aumento de 543%. Link da matéria: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/crgl7x0e0lmo#:~:text=Uma%20faceta%20desta%20expans%C3%A3o%20do,Um%20aumento%20de%20543%25>.

Neste trabalho, o foco é a análise da construção da identidade feminina a partir da perspectiva da religião evangélica, com ênfase nas mulheres evangélicas estudantes da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Essas mulheres, ao integrar-se ao contexto religioso, não apenas adotam novos valores e práticas, mas também constroem suas identidades em interação com as normas e expectativas sociais e acadêmicas. Portanto, este estudo visa refletir como a religião evangélica influencia a formação da identidade dessas mulheres que estão inseridas dentro do ambiente acadêmico da UFBA, analisando os elementos de representação e os processos envolvidos nesse desenvolvimento identitário.

O referencial teórico que embasa esta pesquisa inclui diversos estudos e autores que exploram a relação entre religião, identidade e sociedade. Capellini Rigoni e Prodócimo (2021), Gomes (2011), Fonseca (2010), Machado (2005) etc. Este conjunto de referências teóricas oferece uma base sólida para compreender a complexidade da construção identitária feminina no contexto das mulheres evangélicas estudantes da UFBA.

Metodologia.

Um dos artigos escolhidos como material teórico para a produção do trabalho intitula-se “As mulheres nas igrejas neopentecostais: a busca pelo protagonismo em meio a tradições hegemônicas” na autoria de Celso Gabatz (2016) e visa a discussão acerca do protagonismo das mulheres evangélicas nas denominações neopentecostais, influenciando, conseqüentemente, suas respectivas atuações nas esferas públicas, culminando na formação de uma nova identidade para elas. Assim, percebe-se que as formas de subjetividade feminina e a construção de identidade de gênero estariam concomitantes à participação das mulheres; a mulher seria a linha tênue entre o sacro e o familiar, como uma espécie de característica vocacional.

No campo da metodologia, o trabalho apresentou em todas as fases um caráter qualitativo, tanto na produção dos dados (entrevistas e grupos focais), como também na análise dos resultados daí oriundos com o apoio da perspectiva teórico-metodológica da Análise do Discurso da tradição inglesa, especificamente, o conceito de *Ethos*.

Foi adotada uma abordagem de caráter qualitativo e que está intrinsecamente ligada às interações cotidianas. Como apontado por MINAYO (1993) a pesquisa qualitativa ocupa-se, dentro das ciências sociais, com a realidade não quantificada, ou seja, com o universo de significados. Desse modo, a observação participante foi um método qualitativo inicialmente considerado, entretanto, por conta do contexto pandêmico extraordinário esta opção foi descartada e foram utilizados dois métodos: o de entrevistas semiestruturadas e a realização de grupos focais.

De maneira geral, a pesquisa foi sistematizada da seguinte forma:

1- Fase exploratória	2- Entrevista teste	3- Grupos focais	4 -Entrevista	5- Análise e interpretação dos dados
----------------------	---------------------	------------------	---------------	--------------------------------------

É importante destacar que a pesquisa foi feita em um momento atípico em que a pandemia do Covid 19 interditou não apenas o Brasil, como o restante do mundo, e é devido a esse cenário e a suspensão dos encontros presenciais que o nosso trabalho de campo e metodológico emergiu do campo virtual.

Quanto a escolha pela Análise do discurso, no qual toma-se aqui o termo “discurso” da forma como fora apresentada por Bauer e Gaskell (2015), ou seja, podendo ser empregado ao que se refere às formas de fala e textos, seja quando ocorre em conversações, seja em textos escritos de toda sorte. Em uma análise final, a análise de discurso é uma interpretação, fundamentada em uma argumentação detalhada e uma atenção cuidadosa ao material que está sendo estudado. ⁶ O desafio crucial é o de construir interpretações, sem jamais neutralizá-las, seja através de uma minúcia qualquer de um discurso sobre o discurso, seja no espaço lógico estabilizado com pretensão universal (Maingueneau, 1989, p.11).

Dentro dessa perspectiva, a análise correrá no sentido de compreender construtivamente como o discurso pode não somente revelar o processo de identidade das mulheres como também as representações destas identidades a partir de práticas no campo da ação. Desse modo, a metodologia que, aqui, qualifica-se como *Escola inglesa* ⁷refere-se àquela voltada para o tipo de “análise do discurso” feita nos Estados Unidos

⁶ Ver mais em Bauer e Gaskell, 2015, p.266

⁷ Ainda que não seja alvo de nossas deliberações, nesta pesquisa reconhecemos nebelaõ somente as deliberações, mas as posições diversas em torno da perspectiva do conceito de “Escola” e,

em contraposição à escola francesa (Maingueneau, 1989). Em outras palavras, a tendência britânica se inspirou no pragmatismo americano e na filosofia analítica inglesa cujo principal expoente é Austin, o que levou a uma ênfase no agir linguístico em situações específicas (Barreiros, 2023, p. 01). Assim, o tema de um discurso respeita a relação que esse discurso estabelece com a parcela da realidade a que se refere (Sousa, 2004, p.66). Na perspectiva pragmática, a linguagem é considerada como uma forma de ação; cada ato de fala (batizar, permitir, mas também prometer, afirmar, interrogar, etc) é inseparável de uma instituição, aquela que este ato pressupõe pelo simples fato de ser realizado. (Maingueneau, 1989, p.29)

Nesse caso, parte-se de uma perspectiva tridimensional do discurso como numa tentativa de reunir três tradições de análise. Assim, é a tradição de análise textual e linguística detalhada na Linguística, a tradição macrossociológica da análise prática social em relação às estruturas sociais e a tradição interpretativa ou microsociológica de considerar a prática social como alguma coisa que as pessoas produzem ativamente e entendem com base em procedimentos de senso comum partilhados. (Fairclough, 2016,p. 104).

Por fim, analisa-se como o discurso pode ser revelador da ação ao mesmo tempo que indica a posição sócio-histórica que o sujeito ocupa e traz à baila sua identidade. Nessa perspectiva adota-se o conceito de *Ethos*, que consiste na voz que fala no texto e que é construída de acordo com os objetivos de determinado discurso, criando assim uma “identidade” de quem fala. É a imagem que o enunciador projeta de si no discurso (Britto, 2014, p. 90).

4.1 Entrevista

Sendo uma das principais formas de coleta de dados, a entrevista é um método recorrente que se dá em diferentes técnicas de pesquisa e foi uma opção que se fez necessária e se encaixou com a proposta. A sua principal vantagem está na riqueza das informações que podem ser coletadas, pelas palavras e interpretações dos entrevistados aos estímulos que lhes foram dados, assim como a possibilidade de registrar a sua reação não verbal. Além disso, a entrevista proporciona ao investigador a oportunidade de explorar ao máximo as suas questões e dirimir dúvidas (Lima, 2016 p.39).

consequentemente, das implicações a ela atribuídas. Orlandi (2003) e Caregnato e Mutti (2006), por exemplo, direcionaram-se, judiciosamente, a essas discussões.

A procura pelas mulheres evangélicas estudantes da UFBA começou pelo aplicativo WhatsApp, enviando mensagens em grupos com estudantes e também para estudantes de outros cursos, além do curso de ciências sociais. Após a confirmação das estudantes, iniciou-se a roteirização das entrevistas individuais, o que deu início ao primeiro contato com o público alvo da pesquisa, e seguiu-se a realização de uma entrevista-teste. Esse e todos os outros diálogos e entrevistas com as participantes foram feitos via internet, em plataformas como WhatsApp e Google Meet, uma vez que as integrantes da pesquisa se encontravam em cidades variadas, além de que o curso da pandemia também dificultava o encontro e realização dos grupos focais e entrevistas individuais.

4.2 Questionário

Foi realizado um questionário-convite para coleta de dados e informações acerca das participantes, o qual foi um importante instrumento para entender melhor quais características das colaboradoras e, assim, traçar um perfil das participantes. Ele foi enviado e preenchido pelas voluntárias antes que a dinâmica dos grupos focais e próximas entrevistas individuais acontecessem. O questionário/convite explicava brevemente a proposta do grupo focal e as convidava a participarem e preencherem o questionário que contava com perguntas acerca da estrutura familiar para além da renda da entrevistada em si, tentando contemplar também dados importantes sobre os pais ou responsáveis pela moradia da estudante, como o grau de escolaridade, a profissão e a renda de todas as possíveis pessoas que compartilhassem a moradia com elas. Das estudantes que receberam o questionário apenas uma não o preencheu.

4.3 Grupo Focal

O grupo focal é uma técnica de pesquisa de caráter qualitativo utilizada com o objetivo de criar um ambiente de diálogo e conversação com a finalidade de captar e compreender concepções e percepções do grupo em questão. Essas concepções e percepções são obtidas em interação discursiva com um grupo de pessoas desconhecidas, mas com perfil determinado e por um tempo preestabelecido, sob a moderação de um pesquisador (Almeida, 2016).

Assim, foram realizados dois grupos focais que seguiram um roteiro dividido em seis seções com temas centrais: **1- o que é ser uma mulher? 2; Modos do ser uma**

mulher evangélica, 3- Sobre comportamentos esperados, 4- Casamentos e Filhos, 5- Sexualidade e Gênero 6- Sobre sua Religião.

Acerca da análise da transcrição da entrevista desse primeiro grupo, foi escolhida uma das entrevistadas para realizar uma entrevista individual e, posteriormente, um novo grupo focal foi marcado seguindo a mesma estratégia do anterior. Porém, das quatro mulheres convidadas, apenas três responderam ao convite e apenas duas conseguiram participar no momento da dinâmica nesse segundo momento.

4.4 Perfil das colaboradoras

Fez parte da pesquisa seis mulheres evangélicas estudantes da UFBA, de diferentes idades e cursos, e diferentes vertentes evangélicas. Com o objetivo de preservar a identidade das participantes, foram utilizados nomes fictícios para se referir a elas.

Tabela 1: Perfil das entrevistadas

Nome	Idade	Cor	Curso	Igreja
Camila	24	Preta	Ciências Sociais	Igreja do Testemunho de Jeová
Amanda	20	Preta	Ciências Sociais	Igreja do Evangelho Quadrangular
Carol	20	Parda	BI em Saúde	Igreja Batista Pentecostal
Eduarda	21	Branca	Fonoaudiologia	Igreja Batista da Vida nova
Stefane	54	Parda	História	Igreja Protestante Batista
Tamara	22	Parda	Serviço Social	Igreja Assembleia de Deus

Um ponto que se destaca é que das 6 mulheres participantes 5 foram mulheres negras e esse fator trouxe uma variante importante da raça para a análise. Em relação à

classe das participantes, a maior parte se considera de classe média com poder aquisitivo moderado e renda mensal de 1 a 3 salários mínimos e 3 a 6 salários mínimos.

5- Análise de resultados:

Como ponto de partida para análise, propõe-se a reflexão da temática acerca da construção da identidade da mulher à luz das falas das entrevistadas. Para análise desses resultados o critério principal se constitui nas potencialidades interpretativas e analíticas através da observação das respectivas das participantes cujo objeto é representado em cortes de falas que encontram sua gênese nos discursos selecionados e como daí suas identidades são construídas. Nisso concorda-se aqui com Bauer e Gaskell (2015) de evitar os perigos de se fazer uma análise da retórica sem levar em consideração os processos que constituíram os discursos e, nesse caso, atribuir a primazia da posição que os contextos devem ser categorizados.

Um primeiro exemplo disso se deu logo na primeira pergunta feita ao grupo: o que define a mulher como mulher. Stefane, 54 anos, tomou a palavra e sua fala ligava de forma direta o “ser mulher” com o fato de “dar à luz”:

“o que define a mulher (...) eu acho que a resposta, bem... não sei se o termo é esse...bem prático é dar a luz há um filho, só a mulher pode fazer, ainda que implante um útero no homem, que eu acho que ainda não conseguiram, ele não vai conseguir !” (Stefane).

Assim, o tema de um discurso respeita a relação que esse discurso estabelece com a parcela da realidade a que se refere (Sousa, 2004, p.66). Na perspectiva pragmática, a linguagem é considerada como uma forma de ação; cada ato de fala (batizar, permitir, mas também prometer, afirmar, interrogar, etc) é inseparável de uma instituição, aquela que este ato pressupõe pelo simples fato de ser realizado. (Maingueneau, 1989, p.29)

A própria ideia de colocar a gestação nesses termos denota como ela a enxerga como benção. A perspectiva de “benção” colocada em termos de “*desejo*” expressa tanto o lugar que a interlocutora ocupa quanto um processo construtivo da imagem que se tem sobre “gestação”e, sobretudo, os processos que constituem o *ser mulher*. A colocação do substantivo nos termos e contexto de que se fala reforça, ainda que, implicitamente, um discurso interiorizado religioso, ou em outras palavras, o reforço de uma instituição em atos de fala.

Nesses termos, o *ethos* implica uma maneira de se mover no espaço social, uma disciplina tácita do corpo apreendida através de um comportamento. O destinatário a identifica apoiando-se num conjunto difuso de representações sociais avaliadas, positiva ou negativamente, em estereótipos que a enunciação contribui para confrontar ou transformar: o velho sábio, o jovem executivo dinâmico, a mocinha romântica (Maingueneau, 2008, p.18) revela que a imagem que se tem de mulher pode ser representada pela capacidade de gestar um ser. A constituição dessa identidade pode atrelar-se a uma ideia de afirmação sobre uma negativa contrária e que retroalimenta um discurso constante e formador, o ser mulher. O uso do verbo na expressão “é bem prático, é dar a luz”, demonstra como o “ser mulher”, no presente, precisa estar conectada a esse aspecto. A construção dessa imagem e, conseqüentemente, das representações atribuídas se baseia em um não-ser, aquele cuja capacidade reprodutiva é limitada ou impossibilitada de acontecer. Nessa retórica, é reforçado que “só a mulher pode fazer” e mais uma vez em “que eu acho que ainda não conseguiram [os homens], ele não vai conseguir”. O ser é e gesta, o não-ser não gesta.

Na entrevista-teste, a entrevistada Eduarda, 21 anos, quando perguntada sobre o que define a mulher como mulher, citou também sobre gerar filhos, mas utilizou a palavra “escolher”, sobre mulheres que – escolhem- ter filhos. A partir disso, percebe-se em sua fala como a relação do “ser mulher” com a procriação está mais na possibilidade de poder gerar um filho, de ter elementos biológicos para tal do que de fato o ter. Ambas, porém, entendem a biologia- a genética principalmente- como definidor do ser mulher, a exemplo de Camila que citou o processo biológico envolvendo os genes XX e XY para argumentar sua fala nessa primeira pergunta:

[...] mas é exatamente isso que Stefane falou sobre dar à luz, e sobre também o gene, assim o gene pra... da mulher para nascer mulher é XX e não XY, então por mais ehh... que o homem escolha fazer cirurgia e enfim mudar de sexo, ele ainda não vai ter o gene XX, então ainda tem essa base... (Carol)

Em sua fala, Camila ressalta como, para ela, o “ser mulher” está para além de uma concessão divina, é um fator biológico e definidor do que se constitui a mulher. Em contrapartida ao que Camila diz sobre a biologia definir a existência feminina, a escritora Simone de Beauvoir argumenta que “os indivíduos não são abandonados à sua natureza” (Beauvoir, p.64, 2019), uma vez que só entendem e “obedecem” a essa natureza segundo o que entendem como sendo o costume:

Não é enquanto corpo, é enquanto corpo submetidos a tabus, a leis, que o sujeito toma consciência de si e se realiza: é em nome de certos valores que ele se valoriza. E, diga-se mais uma vez, não é a fisiologia que pode criar valores. Os dados biológicos revestem os que o existente lhe confere (Beauvoir, p.64, 2019)

Nesse trecho, Beauvoir denota como os dados da biologia só podem ser esclarecidos por meio de um contexto ontológico e social e que, no caso da entrevistada, se trata de uma ontologia específica: a ontologia cristã, em que o “ser mulher” é algo dado e definido pelo divino, sem que possa ser repensado a partir de outras categorias.

Entretanto, o argumento biológico e genético como ponto chave para a definição de mulher não foi unânime entre todas as entrevistadas. Amanda entende a diferença entre homem e mulher nela mesma, e discorda que os fatores biológicos e a experiência de gerar um filho sejam os determinantes do “ser mulher”. Corroborando o argumento dado por Beauvoir, Amanda abre espaço para entender os processos sociais na construção da definição da mulher:

"então eu acho que diferença é não ser homem e, pra mim, isso já é suficiente. e não falo só em relação ao que estar externo né ao nosso corpo, mas ao que compreendemos mentalmente né de concepções né... independente de Cis ou Trans e perspectiva e eu acho que só... o fato de já ter uma perspectiva de não ser um homem é suficiente para me considerar uma mulher[...]" (Amanda).

Nessa fala, Amanda, além de discordar do argumento biológico como categoria definidora da existência feminina, entende a existência da mulher também a partir da sua diferenciação com a existência do homem, ou seja, enxerga a si mesma por meio da definição do *outro*. Assim, sua constituição e até mesmo a identidade se faz a partir de um processo dialético no qual a contradição cria e manifesta um ser em específico, o ser mulher, cujas características só existem mediante e contraditório ao *outro*. Tudo o que não é o *outro* constitui o ser, nesse caso, para Amanda, o próprio fato de não ser homem, a torna mulher (Beauvoir, 2019).

É interessante que, depois dessa fala, Carol retoma sua argumentação, mas agora dizendo que não é só o “natural”, mas também “imposição da sociedade”. Até mesmo Stefane, que prontamente respondeu que ser mulher é “dar à luz”, ao longo do diálogo acerca de casamento e filhos, coloca: “[...] A escolha é dela, o corpo é dela, [...] A mulher tem o direito, ela tem o direito de escolher querer ter filho ou não”. É importante salientar que Stefane possui outras experiências e assume diferentes papéis como o ressaltado por ela, o de “ser mãe”, diferente das outras entrevistadas que não possuem filhos.

Ainda no debate sobre o que define a mulher como mulher, surgem as características ligadas à fofoca entre mulheres. Em um primeiro momento é exemplo de argumentação de que as mulheres conversam entre si e que isso é uma característica positiva, porém, quando começam a falar sobre os próprios comportamentos das mulheres em si, a fofoca é vista como algo ruim, como fator de julgamento. É como se entendessem que a fofoca é algo do feminino, a ideia de conversar com outras mulheres, mas que em certo sentido também é algo ruim quando se pensa em falar do outro, do julgamento.

O que retrata seus vínculos aos valores e padrões tradicionais Fonseca (2010) em sua análise traz uma reflexão acerca dos papéis sociais reservados às mulheres ao longo da história, e como estas socializadas de formas distintas dos homens, passam a incorporar elementos postos como naturais ao feminino.

Nas entrevistas pode-se notar estes pontos, a exemplo quando põe a empatia como elemento característico da mulher e isso é uma unanimidade em todas as entrevistadas deste primeiro grupo, em que sempre remetem a mulher como empática; o saber ouvir como algo que caracteriza a mulher, também a noção de “força feminina” é algo marcante nas entrevistas. Entendem a mulher como forte, mas não a força que é colocada comumente ao homem, mas uma força de resistir, resistir à obstáculos, ter força para resistir, como indicam os seguintes trechos de suas entrevistas:

“(...) pra mim, a força, nós somos mais fortes que os homens! Não falo de força física, mas no geral nós somos muito mais fortes do que eles”. (Stefane)

“(...) ser mulher é ser forte, porque a gente enfrenta muitas coisas, mas a gente consegue”. (Eduarda)

Ao mesmo tempo em que entendem que o excesso de força é algo do homem:

“(...) mas às vezes eu me sinto um pouco homem viu, meninas, não vou mentir, sou tão forte às vezes que falo: ‘rapaz eu nasci no corpo errado’”. (Stefane)

O corpo revela os modos de vida de uma sociedade que, por meio de suas instituições, neste caso a religiosa, vêm educando homens e mulheres de formas distintas (Rigoni; Prodócimo, 2021, p. 231)

Ainda no diálogo acerca dos comportamentos, na entrevista, dão menos importância às vestimentas e outras formas físicas de caracterização do que à conduta

em si. Dizem não estar a conduta relacionada à maneira como se veste, mas sim ao modo como se comportam. Ainda que ambas prezam pelo “bom senso” de saber se vestir de acordo com a ocasião, falam sobre a “decência” nesses modos e abrem isso para além das pessoas evangélicas, entendem que todos devem ter essa “decência”.

Ao identificar outras mulheres evangélicas, elas disseram estar a identidade menos ligada às vestimentas e aspectos físicos e estereotipados, e mais ligadas ao diálogo, à conversação, aos jargões usados por pessoas desse meio, além dos gestos utilizados, apesar de anteriormente enfatizarem sobre os modos de se vestir relacionados ao bom senso..

De acordo com Rigoni; Prodócimo (2021) o corpo não apenas reflete a "mudança pessoal" causada pela fé, mas também destaca que há pessoas que não se convertem e isto só é possível porque os evangélicos possuem características referentes ao corpo (a aparência) diferenciadas dos fiéis de outras religiões. Gestos e comportamentos religiosos são mostrados como uma forma de disciplinar o corpo, criando uma linguagem corporal específica associada à prática religiosa.

Sobre as noções de corpo, esse é visto como algo que não pertence de fato a elas: “é templo do espírito santo”. Colocam essa ideia, inclusive, para além da doutrina da igreja em específico, mas sim como fator independente dessa. A questão das vestimentas também é muito pensando no olhar do outro, se vai “escandalizar” esse outro, o que esse vai pensar. Sobre outros tipos de comportamentos, como ouvir músicas, é sempre voltado a pensar no “Senhor”, qual é o lugar delas perante “Ele”, e também ao longo de toda a entrevista se embasam em descrições da bíblia para fundamentar seus argumentos:

“Tá, a palavra diz que tudo me é lícito, mas nem tudo convém. Então eu posso tudo, pode sim eu, você, qualquer pessoa pode tudo, não deve, alguma coisa não deve, porque você carrega em você o nome do todo poderoso, daquele que te criou, daquele que é tudo na sua vida quando você declarou a ele. Então não convenho. O que não convém não devemos fazer. Por que ‘ah porque o pastor falou?’. Não! ‘Ah por que a irmã falou?’. Não, porque você carrega o nome de Deus. Você carrega Jesus em você. O seu corpo, falamos há pouco: é templo do Espírito Santo, então tem roupas que não convém pra você estar em lugar nenhum, porque você pode cruzar com o pastor ou com qualquer irmã ou com irmão, aí nem vou falar crente, nem pastor porque quem manda na sua vida é Cristo”. (Stefane)

Também falam sobre estarem em lugares com pessoas diversas, mas sempre sabendo seu papel ali, principalmente sabendo o seu compromisso com Deus- um

código moral. Em contrapartida, na realização do segundo grupo focal, Tamara diz se relacionar mais com pessoas de seu próprio convívio religioso.

Das seis estudantes que participaram, cinco são mulheres negras, o que fez com que o fator raça trouxesse uma importante variante. Ao falar sobre o estereótipo da mulher evangélica e como ele não deve ser o único ponto a ser considerado, Amanda relata uma experiência de racismo que passou:

"[...] eu tinha aqueles cabelos longos cacheados né, afro, né, argolas eu sempre gostei. Quando [...] fui para uma determinada denominação de uma igreja, de determinada denominação envolvendo todo preconceito, principalmente de racismo que a gente encontra, botando a mão na minha cabeça, manda... mandaram eu parar de frequentar terreiro. [...] foi um constrangimento e que eu não era! Imagine! Se eu fosse, como eu ficaria constrangida, né, se eu fosse de uma religião de matriz africana" (Amanda).

A experiência de Amanda como uma mulher evangélica é perpassada pelo fator da raça e, como ele também é condicionante, o fato de ela ser uma mulher negra com determinadas características, usando determinados adereços, fez com que ela experimentasse esta violência. Amanda aponta ainda para o racismo religioso e o possível constrangimento que pessoas de religiões de Matriz Africana passariam se estivessem na sua posição. Em um segundo relato Stefane narra uma situação vivenciado pelo seu filho e admite a existência do racismo dentro de determinadas denominações:

"Então assim, existe preconceito dentro da igreja, olhe só Amanda é more... morena não, negra! Cabelo maravilhoso, toda linda, aí chega nela, mas é porque ela é NEGRA! Porque ela chegou com cabelo cacheado com roupas folgadas e brinco (gesticula) brincos, argolas africanas isso acontece em qual-- em várias denominações não é só nessa que aconteceu, entende?" (Stefane).

Nos tópicos finais, que diziam respeito ao casamento e à orientação sexual, ambas disseram a respeito de ter de amar todas as pessoas. Porém, em um dado momento, Stefane diz:

"Deus, me ajuda a amar fulano, entende?". Nós temos que amar porque o maior mandamento é amar" (Stefane).

Esse comentário denota que amar certas pessoas talvez seria um esforço, que estaria mais ligado a um compromisso com Deus do que com a própria pessoa em si.

Era claro a ambas como, ainda que ressalta a importância de ter cautela na escolha de se casar, o fato de que o namoro tinha esse fim. Entendem o namoro não como um fim em si mesmo, mas que deve sempre ter em perspectiva um casamento- e que esse seja também evangélico, além de colocarem a família como algo que esteja intrinsecamente ligado ao casamento:

“Então, o casamento é uma instituição, é algo que é... que dá início à família, enfim, eu acho importante” (Carol).

E, para além disso, também entende que o casamento é uma instituição que transforma os indivíduos em um só, realmente seguindo as noções cristãs. Na questão abordando o prazer, Carol entende que o prazer é importante, já que “foi Deus que fez”, porém coloca que esse não pode ser o ponto central da relação.

O fato do público-chave da pesquisa ser universitários influi na pesquisa de maneira geral estar nesse ambiente, de alguma maneira modifica a forma como essas mulheres enxergavam certos aspectos de sua religião não fazendo-as se distanciarem mas proporcionando novas experiências fora do ciclo religioso . Estas reafirmaram estar dentro de um espaço tão diverso como a universidade não enfraqueceu sua relação com a igreja. Colocam a UFBA como agente que transforma a maneira de conviver com as pessoas para além do que se estava acostumada, mas sempre mantendo sua “essência” cristã:

“Eu... quando eu entrei na faculdade eu tinha 16 anos.. (ficou pensando) 17, 17 anos. Minha mãe disse que ficava, ficou um pouco com medo que era essas coisas, mas são muitas coisas, né, e uma amplitude que faz que eu me consolidasse. Eu não me desviei, mas eu sou cristã a cada dia mais, né. Entrar em contato com o outro e saber o que o outro faz, andar com o outro não me tornou menos, mas me fortalece pra saber quem eu sou né” (Amanda).

No que diz respeito às orientações sexuais, Amanda entende questões como racismo e homofobia para além da religião, no sentido de que se uma pessoa evangélica é homofóbica são por questões da sociedade num geral e não porque ela é cristã:

“Então em vez de pensar ‘poxa eu faço isso, essa atitude porque eu sou evangélica’, ou eu faço essa atitude porque eu sou uma pessoa que está numa sociedade racista? Brasil, né? A gente tá nessa sociedade racista, machista, homofóbica, então qual é o meu lugar, o que eu reproduzo tem a ver com a minha religião? E se a pessoa culpa a religião... é problema né, já é outra questão”. (Amanda)

Entretanto, em um certo momento, a palavra “desvio” surge em seu discurso e se remete a própria questão da orientação sexual:

“(...) eu não me desviei, mas eu sou cristã a cada dia mais, né. Entrar em contato com o outro e saber o que o outro faz e andar com o outro não me tornou menos, mas me fortalece pra saber quem eu sou, né?”. (Amanda)

Percebe-se como, a partir dessa fala, Amanda sugere que outras orientações sexuais poderiam parecer um desvio para ela, o que contradiz a sua fala anterior de que a homofobia não se relaciona ao fato de ser cristão, uma vez que, aqui, ela coloca em paralelo o fato do não desvio com o fato de ser cristã.

Não menos observável, e, portanto, passível de análise à luz das entrevistas, é a premissa que repousa na concepção de que as subjetividades femininas e suas identidades estariam concomitantes às relações sociais e, mais claramente, naquelas nas quais há relações de gênero permeada pela noção de poder e acessibilidade, como a participação das mulheres, em algumas denominações religiosas, ao pastorado e bispado.

No que se refere à esfera privada da vida dessas mulheres (casamento, filhos e relações sociais), a relação de gênero acentua-se. O casamento que, no ideário cristão, equivale a união dos cônjuges e a submissão feminina à autoridade masculina, necessita da identificação subjetiva da mulher, com uma identidade caracterizada pela submissão, e do homem cuja identidade é assentada no poder de liderar. A natureza dessa premissa reclama para si o processo de análise identitário e tem sua afirmação na relação com o outro. Partindo desse ponto, as entrevistadas reavivaram suas identidades e seus aspectos subjetivos na comparação e no relacionamento por elas estabelecidos, mostrando o quão importantes são as relações na afirmação de elementos subjetivos e identitários. Essas relações seriam o momento para demonstração de suas identidades e de, inclusive, mostrarem-se meticulosas em suas análises:

“Não concordo, eu não concordo, inclusive com minha instrutora (...) eu não concordo com a ideia de ser submissa ao meu marido, apesar de que pelos ensinamento bíblicos ele tem que tratar a mulher dele como uma joia (...) só que eu, na minha concepção, não consigo, ainda, cogitar a ideia de respeitar a liderança masculina dentro de casa (...) muitas vezes há distorção sobre o que é representado sobre isso”. (Camila)

Primeiro, percebe-se o receio aparente de ser lida e associada com uma retórica puramente religiosa e ligada a uma ideia negativa da relação marido e mulher. Esse posicionamento é visto na frase negativa “Não concordo, eu não concordo, inclusive com minha instrutora”. A posição contrária soa mais importante devido ao confronto

com uma figura importante “minha instrutora”, o que é possível conceber não somente uma hierarquia, mas o que poderia se configurar como uma relação de poderes de conhecimento desiguais, ou, em alguma tangente, uma relação de pupilo e pupilado.

A busca por justificar seu confronto é através da legitimidade do discurso que visa, em alguma instância, “confrontar”. Ainda que questione essa retórica religiosa, é passível de interpretação de um posicionamento conflitante: “apesar de que pelos ensinamentos bíblicos ele tem que tratar a mulher dele como uma joia “, ou em outras palavras, ainda que não concorde com um ensinamento, a religião, o ensino, conhecimento religioso direciona um caminho: “tratar a mulher dele como uma jóia”, que pode ou não acontecer, mas encontra legitimação num respaldo bíblico.

No trecho: “ só que eu, na minha concepção, não consigo, ainda, cogitar a ideia de respeitar a liderança masculina dentro de casa”, a colocação do ‘ainda’ demonstra em alguma medida o desvio do padrão/ideal. “Não consigo ainda”, mas conseguirá? o porquê deve conseguir? Esse mesmo desvio se mostra em outro trecho:

Eu digo isso por mim mesmo, por mais que estou há 17 anos numa religião, eu sou muito cheia de teorias e coisas na minha cabeça que vão perpassando e vão cruzando e que eu sei, eu Camila, sei que não fazem parte dos ideais que minha religião espera enquanto eu, mulher, pensando, mas aí eu já vou partir do princípio da minha doutrina, da doutrina da minha religião” (Camila).

Nesse caso para além do desvio existe a consciência desse desvio em aspectos religioso:

“A questão da submissão acaba não sendo acompanhada de uma liderança masculina ideal e aí entra o descompasso. (...) no meu, por exemplo, eu não tenho esse problema de aceitar a submissão porque eu não entendo submissão como silenciamento e eu e meu esposo temos um relacionamento equilibrado” (Tamara).

Destarte, é perceptível que a entrevistada concorda e promove a liderança masculina dentro de um ideal de relação e, quando isso não ocorre, tem-se um problema “descompasso”. Para além disso, define a submissão não como silenciamento, mas sim, tendo em vista uma liderança, sua participação se daria por outros meios não especificados na sua fala. Nesse caso, pode-se entender aqui a submissão não como sinônimo de opressão, mas de sujeitar-se ao discernimento de um outro (liderança masculina). O ato de aceitar a submissão indica as posições que ocupa e a satisfação subjetiva dessa aceitação, o que acarreta, em alguma medida, na padronização comportamental e, de modo subsequente, na sua identidade.

CONCLUSÃO

Nessa perspectiva, foi perceptível que as entrevistadas, em seus discursos, voltaram-se à pautas modernas, como o silenciamento das mulheres, a subjugação de corpos femininos e à livre escolha de estabelecer vínculos afetivos fora das instâncias das igrejas, além da análise muito particular na relação com o gênero masculino. Ao passo que também demonstraram estas preocupações em seus discursos, é notável como conservam os valores e ideais tradicionais relacionados a posição da mulher na sociedade, perpassadas por suas crenças, questionamentos e vivências modulam suas narrativas e fomentam sua identidade.

Nas retóricas das entrevistadas e, conseqüentemente, na constituição dos seus discursos, percebe-se elementos associados a sua identidade religiosa como espectro de sua identidade social, tendo em vista que a formação da consciência molda o padrão comportamental nas esferas da vida mundana. O conceito de *ethos* constitui um ponto no qual pode-se unir diversas características, não apenas do discurso, mas também do comportamento em geral, que levam a construir uma visão particular do ‘eu’ (FAIRCLOUGH, 2016, p.217). Nesse caso, nota-se que o processo identitário dessas mulheres não se aparta de uma definição específica de corpo, muito em virtude dos discursos religiosos, da consciência de padronização comportamental- muito vista em relação à união homem-mulher- e os conseqüentes papéis que lhe são atribuídos. Desse modo, está em voga a questão do “*outro*”, o “*não-ser*” que pela imposição constitui não somente o ser mulher, mas uma realidade ordenada.

O espaço da Universidade também aparece em seus discursos como elemento crucial na formação de suas perspectivas a partir do contato com uma pluralidade de pessoas de diferentes segmentos e com as discussões e debates suscitados dentro deste espaço, o que influencia diretamente na formação de suas identidades. Devido a natureza do âmbito acadêmico há uma espécie de arena na qual surge a possibilidade de mostrar seu “*Ethos*”, ou seja, mostrar os discursos no qual essas mulheres, como sujeitos passíveis de ação e importantes, se reconhecem em espaços para além das instituições religiosas. Para além disso, o ambiente acadêmico surge como oportunidade de validar e legitimar um corpo e uma identidade qualitativamente valorizada, cujo adorno discursivo pode remeter, principalmente, à esfera religiosa. Nesse caso, o discurso, bem menos do que um ponto de vista, é uma organização de restrições que regulam uma atividade específica. Assim a enunciação não seria uma cena ilusória cujos

conteúdos seriam elaborados em outro lugar, mas um dispositivo de construção de sentido e dos sujeitos que aí se reconhecem (Maingueneau, 1989, p. 50).

Em síntese, a análise dos discursos das entrevistadas revela um intrincado entrelaçamento entre valores tradicionais e questões contemporâneas que permeiam suas narrativas moldando suas identidades de maneira complexa e multifacetada.

Destarte, entendemos que essa pesquisa, por ter produzido dados em um campo e em um momento fragilizado (de maneira virtual em meio à pandemia da COVID-19), apresenta lacunas que não puderam ser fechadas, uma vez que as pesquisadoras não obtiveram tempo e recurso necessários para que assim a pudessem finalizar da melhor maneira que desejariam. Entendemos, porém, que esse trabalho também pode servir de amparo a possíveis futuras pesquisas que tenham interesse em melhor aprofundar as relações de gênero, pentecostalismo e vivência acadêmica.

REFERÊNCIAS

BAUER, Martin W; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. [S. l.: s. n.], 2015.

BEAUVOIR, Simone de, 1908-1986. *O segundo sexo: fatos e mitos*/ Simone de Beauvoir: tradução Sérgio Milliet. -5 ed.- Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BARREIROS, B. C.. *Uma Pragmática Sociológica? Sobre as possibilidades da Análise das Práticas Discursivas a partir de Bourdieu*. Sociologia & Antropologia, v. 13, n. 1, p. e200120, 2023

CAPELLINI RIGONI, Ana Carolina; PRODÓCIMO, Elaine. **CORPO E RELIGIÃO: MARCAS DA EDUCAÇÃO EVANGÉLICA NO CORPO FEMININO**. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v. 35, n. 01, p. 227-243, 2013.

CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R.. *Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo*. Texto & Contexto - Enfermagem, v. 15, n. 4, p. 679-684, out. 2006.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*/ Norman Fairclough- 2.ed.- Brasília: Editora. Universidade Brasília, 2016. 338 p. ; 21cm .

GOMES, Antonio Máspoli de Araújo. **Um estudo sobre a conversão religiosa no Protestantismo histórico e na psicologia social da religião**. Ciências da Religião-História e Sociedade, 9(2), 2011, p. 148-174.

LIMA, Wellcherline Miranda. *"Eu sou índia evangélica": Um estudo sobre a adesão de mulheres Pankaiwka ao pentecostalismo*. 2019. Tese (Doutado/ Graduação em Ciências da Religião) - Doutorado, [S. l.], 2019.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, n. 2, maio/ago. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000200012> Acesso em: 20 jan. 2024.

MAINGUENEAU, Dominique et al. A propósito do ethos. **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, p. 11-29, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso* / D. Maingueneau: tradução Freda Indursky ; revisão dos originais da tradução Solange Maria Ledda Gallo, Maria da Glória de Deus Vieira de Moraes- Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989 - (Linguagem-crítica).

MARIANO , Ricardo. *Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos*. Revista de Estudos da Religião , [s. l.], p. 68-95, dez. 2008. Disponível em: www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_mariano.pdf. Acesso em: 9 jun. 2024.

MINAYO, Maria Cecília (org). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 22ª ed. 1993.

FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da. A construção da identidade de mulheres e homens como processo histórico-social. 1 ed. [Local de publicação não informado]: [Editor não informado], 2010.

ORLANDI EP. *A Análise de discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil*. In: Anais do 1º Seminário de Estudos em Análise de Discurso; 2003 Nov 10-13; Porto Alegre, Brasil [CD-ROM]. Porto Alegre (RS): UFRGS; 2003.

SOUSA, Jorge Pedro. *Introdução à análise do discurso jornalístico impresso*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.